

*Discurso na cerimônia de formatura
do primeiro Curso de Informática
patrocinado pelo Ministério do
Trabalho e pela Força Sindical*

PALÁCIO DO TRABALHADOR, SÃO PAULO, SP,

28 DE SETEMBRO DE 1997

Senhor Governador do Estado de São Paulo, companheiro Mário Covas; Ministro Paulo Paiva; Demais Ministros aqui presentes; Meu caro amigo Antônio de Medeiros, Presidente da Força Sindical, e toda a Diretoria; Senhores Sindicalistas aqui presentes, Senhor Walter Barelli, Secretário de Trabalho do Estado de São Paulo; Senhores Dirigentes Sindicais; Senhores Professores, mas, sobretudo, Senhores e Senhoras Formandos,

Alegria maior não pode haver para qualquer pessoa que tenha experiência na vida pública, sobretudo se essa pessoa é professor, do que assistir a essa solenidade a que estamos assistindo hoje. Isso é um novo Brasil. Educação tem que ser para todos. Educação não pode ser privilégio. E isso que está acontecendo aqui é uma parcela desse grande esforço do País, de todos os brasileiros, para que, efetivamente, nós tenhamos um acesso maior à educação.

Informou-me o Governador Mário Covas que, no ano passado, foram 137 mil pessoas que passaram pelos cursos de qualificação. Neste ano, 160 mil. Esses recursos do FAT têm de ser utilizados para o proveito do trabalhador, porque são recursos do trabalhador. O que o Gover-

no faz não é mais do que cumprir a sua obrigação, que é de direcionar esses recursos para que sejam devolvidos àqueles de quem são extraídos.

Mas, para que isso seja possível, é necessário que haja uma confiança maior na sociedade. E aqui, neste Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, e aqui, na Força Sindical, não é a primeira vez que eu venho e não é a primeira vez que sentimos que temos objetivos comuns, que são objetivos pelo nosso país. Não é nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira vez. São muitas vezes. Quando eu era professor, ou melhor, já era Senador, porque este prédio não estava pronto ainda quando eu era professor, era a outros prédios que nós íamos. Mas depois de ser Senador, vim aqui como Ministro, vim aqui como Presidente da República. E nunca nenhum presidente da República pisou um sindicato de São Paulo. Eu venho e virei quantas vezes for necessário. E tenho ido também aos sindicatos da CUT. Fui a São Bernardo, fui à fábrica da Ford. No começo, havia um pouco de animosidade, até que se viu que as coisas são diferentes do que parecem.

Nós temos dificuldades, muitas vezes, para realizar aquilo que é o objetivo de todos. E o objetivo de todos deve ser o de melhorar o Brasil. E, para melhorar o Brasil, o fundamental é educação. Nesta semana, eu me dirigi a todo o País para dizer que nós estamos lançando um apelo ao Brasil, um desafio, mais que um apelo: é que nós temos que colocar todas as crianças na escola, todas, sem exceção. Isso não pode ser feito só pelo Presidente da República, não pode ser feito só pelo Ministério da Educação, até porque o Ministério da Educação não tem escola primária. Tem que ser feito através de um grande mutirão nacional – como nós fazemos aqui, em São Paulo, com o Governador Mário Covas, com a Secretaria de Educação – com todos os prefeitos. Mas isso não basta. O Brasil é muito grande, é muito diferenciado. O Governo é pequeno para o tamanho da tarefa. É preciso que a sociedade toda se junte num mutirão nacional, para colocar todas as crianças na escola.

Assim como o sindicato está fazendo agora, aqui, nós temos que cuidar, porque hoje nós sabemos quantas crianças estão fora da escola, no Brasil. Não se sabia. O Governo começou a se organizar para isso. Há dois anos, começamos a preparar o programa. Hoje, nós sabemos

que ainda temos 2 milhões e 700 mil crianças fora da escola. Isso significa que nós já avançamos bastante. Nós temos 91% das nossas crianças já nas escolas. Faltam 9%. Nos Estados Unidos são 95%. Só na Coréia é que essa porcentagem chega a 99%. Nós estamos nos aproximando.

Mas, para que isso seja realidade, a questão não é só fazer um prédio de escola, até porque qualquer galpão pode ser escola. A questão é ter professor, e professor bem treinado e com um salário mais digno. O Governo providenciou isso. Nós fizemos um programa e, hoje, nós já temos, em todas as escolas de mais de 100 alunos, uma TV Educativa, programas para treinar os professores e também para treinar os alunos. E, a partir de 1º de janeiro do ano que vem, pelo chamado Plano de Valorização dos Professores, nós vamos elevar o piso do salário do professor primário nas zonas mais pobres do Brasil, onde ele ganha uma miséria. Ele tem que ganhar melhor, porque não é possível ganhar uma miséria para fazer aquilo que é a vocação dele e a necessidade do País.

É um programa de cooperação do governo municipal, governo estadual e Governo Federal, em que vamos equalizar verbas e aumentar o piso do professor primário. Em muitas partes do Brasil, o professor ganha R\$ 50,00 por mês e, às vezes, até menos, neste Brasil perdido mundo afora, que é imenso e em que tudo não é igual ao Brasil que conhecemos no dia-a-dia. Muitas vezes, é pior. Mas nós vamos melhorando, pouco a pouco, este Brasil.

Nós fizemos um outro programa pelo qual já distribuímos, no ano passado, 250 milhões de reais, diretamente do Governo Federal para a diretora da escola. E a diretora da escola usa esse recurso com assessoria da Associação de Pais e Mestres. E passa por cima de vereador, de prefeito, de deputado, de tudo, porque nós não podemos subordinar a verba pública aos interesses político-partidários. Verba pública tem que ser dada diretamente para a prioridade, que a própria comunidade define como necessária.

Hoje, as escolas começam, com um pouco de recurso, a melhorar a sua qualificação, a sua condição material. E essa decisão é tomada em conjunto na Associação de Pais e Mestres, e não por influência de quem quer que seja.

Então, nós nos preparamos pouco a pouco para que possamos dar o salto que vamos dar agora. Fizemos os chamados parâmetros curriculares, que é um trabalho técnico importantíssimo para definir o conteúdo do ensino primário. Pela primeira vez, de fato, o Governo tomou, nas suas mãos, aquilo que todo o mundo falava: a questão fundamental é do ensino de base, a escolaridade no ensino primário, de 1ª a 8ª série. E, ao invés de se dar dinheiro só para as universidades, passou-se a dar dinheiro, efetivamente, para a base da sociedade brasileira. E muita gente reclama, porque quer privilégio, e o Governo não é favorável ao privilégio.

Estamos, portanto, preparados para lançar esse programa Toda Criança na Escola. É assim que se muda o Brasil. Vocês estão mudando o Brasil, concretamente, dando uma capacitação nova, permitindo um curso de informática. E aqui foi dito muito bem: “Porque não, amanhã, o inglês e o espanhol?” O espanhol é até mais importante do que o inglês, para o Mercosul.

E não somente isso terá de ser feito, como está sendo feito aqui no mutirão nacional. Não pode ser só a escola, só o Governador ou só o Presidente. Tem que ser todo mundo assumindo a responsabilidade em conjunto. “E esses 20 mil que estão na fila?”, perguntei ao Ministro Paulo Paiva. E ele me disse que há recursos. E nós vamos fazer os cursos para que eles possam, também, participar desse mutirão brasileiro de melhorar a qualificação do nosso trabalhador.

Por todas essas razões é que eu volto, aqui, a esta casa do trabalhador, de coração aberto. Volto aqui para receber as energias de quem está querendo, realmente, fazer alguma coisa de bom para o Brasil, que são vocês que vieram estudar. Vieram estudar e vão competir no mercado. Cabe a nós produzir um clima, no Brasil, que permita mais investimentos. Mas isso não basta. Cabe também ao Governo, que é o que estamos fazendo, olhar para o social. E olhar para o social não é fazer demagogia, não é gritar palavras vazias. É fazer o que nós estamos fazendo aqui, concretamente, dando oportunidades efetivas, e não só falando. Falar é fácil, fazer é muito difícil. E nós não somos um governo de falação, nós somos um governo de produção. Mas nós não podemos fazer isolados e nem queremos as glórias de fazer. As glórias são dos alunos e dos pro-

fessores. Não são do Medeiros, do Paulinho, minhas, do Ministro Paulo Paiva, do Governador Mário Covas, que está comemorando aqui, não. Hoje, o esforço direto é do aluno que se dedicou e do professor que ensinou. Temos que dar a César o que é de César. Vocês são os verdadeiros heróis desse esforço nacional de qualificação.

Eu queria, ao felicitar cada um que aqui recebeu o seu diploma, ao felicitar os professores, o sindicato, o Ministro, a todos que aqui estamos, ao dizer às famílias uma palavra de entusiasmo, reafirmar a minha imensa confiança neste nosso Brasil. Porque é um Brasil de gente que sabe que, mesmo as coisas sendo difíceis, o importante é apontar o caminho, o importante é a sinceridade, o importante é a boa-fé, é a capacidade de nós discutirmos. Não é estar todo o mundo de acordo. Não precisa. Mas tem que estar de acordo com uma só coisa: nós precisamos melhorar o Brasil para os brasileiros. E nós vamos melhorar o Brasil para os brasileiros e para as brasileiras.

Eu não queria deixar – ao finalizar e ao expressar, realmente, a minha emoção, eu que sou professor, como disse na televisão, casado com professora, pai de professor, eu que sei da importância do ensino – escapar o apelo que fez o Medeiros: nós precisamos de reformas mais igualitárias. Eu sou contra o privilégio. O Senador Beni Veras, que propôs, em nome do Governo, mudanças na Previdência Social, não propôs privilégio. O privilégio foi introduzido na Câmara. E o Presidente do Congresso me garantiu que vai acabar com o IPC, que é um instituto que concede aposentadoria especial aos parlamentares, na próxima semana, porque isso não está certo. Precisamos de um Brasil justo, precisamos de um Brasil igualitário.

É, portanto, com esse espírito de entusiasmo que eu dou um abraço no Medeiros e, dando nele, dou em vocês todos.

